

Brasil explica atraso amanhã

ARNOLFO CARVALHO

Enviado Especial

Nova Iorque — O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e o presidente do Banco Central, Afonso Pastore, são esperados em Nova Iorque amanhã, para participar de uma reunião de emergência do Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores quando deverá ser discutido o problema dos atrasos nos pagamentos de juros ao Exterior. As informações foram confirmadas ontem por assessores do vice-presidente do Citibank, Willian Rhodes, que preside aquele comitê, encarregado do gerenciamento da renegociação da dívida brasileira.

A presença de Afonso Pastore era aguardada em Washington hoje, para participar das primeiras reuniões do grupo dos 24 países em desenvolvimento que antecederão a assembléia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. De acordo com funcionários do Banco do Brasil, provavelmente Pastore deixará a cargo de seus assessores esta tarefa, concentrando-se nas negociações com os bancos credores em Nova Iorque até esta sexta-feira.

Já o ministro Galvêas — cuja presença é aguardada em Washington no próximo sábado, para a reunião dos ministros de Finanças dos países membros do FMI — aparentemente resolveu antecipar sua volta aos Estados Uni-

dos para tentar resolver o problema dos pagamentos atrasados de juros junto aos bancos credores. Os bancos têm prazo até o próximo dia 30 para receberem os juros atrasados antes de se completar o período de 60 dias, após o qual são obrigados a lançar os débitos em seus balancetes trimestrais como prejuízos.

Oficialmente, entretanto, a viagem antecipada do ministro da Fazenda tem como objetivo atender um convite para participar do almoço mensal oferecido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, onde depois de amanhã ele fará uma palestra sobre a situação atual e as perspectivas da economia brasileira a médio prazo. A informação sobre a presença de Galvêas foi confirmada ontem pelo escritório do banqueiro Antonio Gebauer, do Morgan Guaranty Trust Company, em Manhattan.

Gebauer, que agora é também o presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, já não tem a mesma fluência verbal de alguns meses atrás, quando era pago para “ajudar” o governo brasileiro na renegociação da dívida externa durante a fase dos quatro projetos montados pelo ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni. Os dois perderam seus papéis de destaque quando não deu certo o esquema anterior, substituído em junho último pelo Comitê de Assessoramento.

Agora, os assessores de Tony Gebauer explicam que ele não quer mais falar aos jornalistas sobre os problemas brasileiros, já que esta função estaria a cargo apenas de Willian Rhodes, do Citibank. O Morgan acabou ficando fora do comitê formado por quatorze bancos credores, para dar lugar à presença de outros grandes credores. Mas no Citibank, Rhodes também não quer se pronunciar, sob o argumento de que não anda tendo tempo “nem para dormir” por estar encarregado de vigiar as dívidas não apenas do Brasil mas também de vários outros devedores latino-americanos que estão à beira da falência.

Já na Câmara de Comércio não existe este clima de tensão permanente que se encontra no meio bancário nova-iorquino quando se pronuncia a palavra “Brasil”. Secretárias bilingües continuam agindo como nos velhos tempos, quando aquela instituição empresarial era sempre uma ótima tribuna para os discursos então otimistas das autoridades econômicas brasileiras que passavam por Nova Iorque. Ainda ontem estas secretárias telefonaram aos jornalistas brasileiros nos Estados Unidos para convidá-los para o almoço com o ministro Galvêas. Curiosamente, entretanto, chamaram mais tarde para dizer que os jornalistas não mais poderiam estar presentes ao almoço, embora continuem convidados para ouvir a palestra.